

Prefácio

Este livro *Bernard Lonergan e a Filosofia Aplicada*, gerado a partir da linha de investigação de Filosofia Política e Ética do CEFi, apresenta uma seleção de comunicações, apresentadas nos Colóquios Lonergan levados a cabo na Universidade Católica Portuguesa.

A difusão do pensamento de Bernard Lonergan em Portugal tem crescido com estes Colóquios que têm demonstrado ser um fórum relevante e concorrido de debate interdisciplinar. O 1.º Colóquio, *Introdução ao pensamento económico de Bernard Lonergan*, teve lugar entre fevereiro e março de 2009; o 2.º Colóquio, *Fórum Interdisciplinar Ciência, Filosofia, Religião* decorreu de outubro de 2009 a fevereiro de 2010; o 3.º Colóquio, *Os Valores não são Mentira*, realizou-se a 01 de abril de 2011; o 4.º Colóquio, *Perspetivas Atuais de Filosofia Aplicada* em 5 de fevereiro de 2013; e o 5.º Colóquio, *Crise social e conhecimento de si*, a 6 e 7 de dezembro de 2013.

Estes encontros têm dado continuidade à receção sistemática de Lonergan em Portugal, iniciada em 2007 pela *Revista Portuguesa de Filosofia*, com um conjunto de contributos nacionais e internacionais. Em 2010 foi lançada a edição portuguesa de *Insight; Um ensaio sobre o Conhecimento*, com tradução, edição e revisão científica de Mendo Castro Henriques e Artur Morão, do CEFi. Foram ainda concluídas as traduções de *Macroeconomic Dynamics: an Essay in Circulation Analysis* por Diogo Dantas; e *Topics in Education* por João Simas, a quem se deve a criação do site <http://bernardlonergan.wordpress.com/>.

A presente obra recolhe contributos apresentados ou preparados para os Colóquios, reunindo docentes e investigadores de filosofia e de outras áreas científicas, da Universidade Católica e de outras universidades nacionais e internacionais, além de alunos de doutoramento e mestrado, e representantes de organizações com trabalho de reflexão e intervenção em áreas da filosofia aplicada – aconselhamento filosófico, ética das situações limite, economia e gestão, justiça social e cidadania.

Nas várias secções de *Bernard Lonergan e a Filosofia Aplicada* são abordados âmbitos de reflexão que realçam a transversalidade do pensamento lonerganiano nas dimensões ética, teológica, económica, de aconselhamento e de gestão.

Na sua “Breve evocação para uma leitura de Bernard Lonergan”, Eduardo Ferraz da Rosa aborda o excecional esforço do pensador canadiano na análise, fundamentação e formulação dos processos dinâmicos envolvidos

nos atos de conhecimento, compreensão e ação. Ferraz da Rosa mostra como esta reflexão está em linha com uma sequência de pensadores clássicos e contemporâneos, nomeadamente Karl Rahner, que procuram apresentar a constituição empírica, transcendental e ôntica do sujeito humano.

A segunda secção – LONERGAN E A ÉTICA – abre com o artigo “Nem valores, nem conhecimento, antes uma diferente consciência” por Carlos Silva. Trata-se de uma desconstrução brilhante das categorias cognitivas e axiológicas que pretendem traçar um quadro exaustivo da realidade segundo temas convencionais da cultura intelectual, como o autor considera ser o caso do próprio Bernard Lonergan, Arthur O. Lovejoy, Eric Voegelin, e Leonardo Coimbra, entre outros. Em jeito de desafio, Carlos Silva apela a uma interrogação filosófica diferente, em que não se procura o conhecimento como solução, mas sim uma atitude libertadora que advém do *dom* da pura *consciência*.

Em “Os valores não são mentira!” – título evocativo do Colóquio de 1 de abril de 2011 – reflito na tensão entre a variedade de éticas normativas e a pujança das avaliações morais com que exprimimos preferências. O artigo traça um panorama das éticas normativas da lei natural e da virtude, do dever, dos sentimentos, dos valores e da liberdade, em contraste com as éticas contemporâneas da relação e do cuidado. Autores como Martin Buber, Viktor Frankl, Emmanuel Lévinas, Franz Rosenzweig e Hans Jonas renovaram a ética devido ao propósito de entender a realidade de um modo dialógico. Para eles, o mundo não quer ser apenas explicado; quer ser ouvido. O artigo elucida como no coração da realidade que partilhamos com os outros, pulsa uma mesma voz e exigência; querer ser reconhecido.

Samuel Dimas apresenta em “A filosofia da educação de Bernard Lonergan(...)” o bem a que deve tender a educação contemporânea. Baseando-se sobretudo em *Tópicos sobre a Educação*, Dimas evidencia a educação centrada no aluno, em profunda inter-relação com as novas áreas de conhecimento e que visa não apenas responder às necessidades socioprofissionais, mas também às interrogações de sentido e ao problema da felicidade e da valorização da vida. Face a uma educação tradicional pensada em termos pré-científicos, pré-democráticos, e pré-industriais, e na esteira de John Dewey, Lonergan desenvolveu um pensamento sobre as novas aprendizagens nas matemáticas, na ciência, na história, na arte e na filosofia que valoriza a admiração, a interrogação e a descoberta progressiva.

“Da clausura à libertação (...)” é o ensaio em que Joaquim Pinto apresenta a filosofia da vida em Martin Buber. O pensamento buberiano é de inegável atualidade e relevância antropológica, uma vez que revela a

reciprocidade como o caminho da construção constante de si mesmo e de um mundo melhor. Afirmando “que pensador sem paradoxo é como amante sem paixão”, Joaquim Pinto destaca como em todas as dimensões desta filosofia – ética, ontológica e antropológica – se manifesta esse dar-se em relação à vida e procurar na própria vida a relação, procurando o “Tu” humano que se vincula em mim e o “tu” divino que se vincula em todos e que a todos vincula.

No imenso reportório de artigos em revistas internacionais, na última década, dedicadas ao estudo da interação entre fé e razão, constatamos que o contributo de Lonergan é cada vez mais incontornável, como afirmam Ângelo Cardita e Miguel Oliveira Panão na secção LONERGAN E A TEOLOGIA.

Num curto mas vigoroso ensaio sobre “A teologia e o método da autenticidade”, Ângelo Cardita aproxima a empresa lonerganiana do projeto de Karl Rahner e de Farhad Khosrokhavar para o qual o sagrado é constitutivo do ego, independentemente da nomeação de Deus pelas tradições religiosas. Seguindo as pisadas de Karl Rahner, Lonergan fundamenta a apreensão de Deus na subjetividade e na transcendentalização da particularidade histórica da sua revelação. Ângelo Cardita desconstrói o movimento teológico da “Ortodoxia Radical”, animado por John Milbank, que se opõe aos propósitos de Rahner, Lonergan e, *maxime*, da Teologia da Libertação e, finalmente, aprofunda o sentido da teologia como “ciência das mediações do divino”, fugindo à dicotomia entre a “inteligência da fé” e a “ciência da religião”.

Em “Lonergan no diálogo entre ciência e fé”, Miguel Oliveira Panão interroga-se sobre qual dos modos de interação entre ciência e fé convém ao pensamento lonerganiano à luz da visão do ato cognitivo. Utilizando a tipologia do físico e teólogo Ian Barbour que distingue entre conflito, independência, diálogo e integração, e integrando posições de John F. Haught, Arthur R. Peacocke e Michael Polanyi, entre outros, Panão sustenta que o *diálogo* é aquele que nos impulsiona mais no caminho em direção à meta do puro desejo de conhecer e, por isso, se adequa melhor ao pensamento de Lonergan.

Na secção LONERGAN E A ECONOMIA, Stephen Martin, Nuno Luís Fortes, Michael Czerny e eu mesmo debatemos como Lonergan respondeu aos reptos económicos do século XX. É cada vez menos surpreendente que o pensamento económico de um filósofo e teólogo como Bernard Lonergan seja comparado ao de um Stuart Mill, Keynes e Schumpeter. Afinal, se os postulados da economia clássica assentes nos princípios microeconómicos de maximização do lucro e de maximização da utilidade admitem que os

mercados promovem a desigualdade de rendimentos, que está na origem das cristas e cavas dos ciclos económicos, porque não desconstruir esses postulados com uma nova economia política e propor novos paradigmas de intervenção dos agentes económicos face aos ciclos dos mercados?

A secção abre com a curta mas saborosa exposição “Porquê Lonergan?” do economista e teólogo Stephen Martin. Analisando o que recebeu de Lonergan em primeira mão, depois editado como *Macroeconomic Dynamics* e *For a New Political Economy*, Martin questiona os limites tradicionais entre disciplinas “objetivas” e “científicas”, como a economia, e disciplinas “subjetivas” ou “nebulosas” como a ética e a teologia. Mesmo as faculdades e universidades católicas experimentam uma tensão entre o que é ensinado nas escolas de gestão e economia e as de ciências religiosas, teologia e filosofia. Martin pede aos economistas um tipo novo de análise, que revele como os preceitos morais assentam no processo económico e são aplicáveis; e pede aos teóricos da moral que formulem os preceitos que resultam do próprio processo económico.

Com “Lonergan e a Economia”, somos introduzidos de forma muito sucinta e rigorosa, e pela mão do economista e especialista em assuntos do consumidor, Nuno Luís Fortes, na metodologia lonerganiana de investigação nesta área. Trata-se de compreender os processos que conduzem os ciclos económicos, e de apresentar um desenvolvimento económico que expurgue as depressões e os seus efeitos nefastos ao bem comum. Lonergan procura a intelecção que permita conhecer os fenómenos económicos e assim conduzir a economia por um ciclo puro de crescimento. Para tal é fundamental a presença do bem de ordem nos agentes, de modo a que através da intelecção possam, em cada momento, tomar as decisões assentes no benefício comum para toda a economia, em vez de manterem a posição de defesa dos seus interesses particulares em cada conjuntura.

No meu contributo intitulado “Ganância, Ignorância e Equidade segundo Lonergan”, proponho-me sublinhar a importância do paradigma de Lonergan para a compreensão da crise económica iniciada em 2007-2008. Fazendo eco do tema das relações entre intelecção e liberdade, Bernard Lonergan faz-nos entender que os problemas económicos resultam não só de uma crise de valores, como de uma crise de conhecimento, a exigir novos paradigmas. Dialogando com algumas preocupações maiores de economistas contemporâneos, sublinho a equidade como o principal valor económico de Lonergan.

O pensador jesuíta Michael Czerny, membro do Conselho Pontifício Justiça e Paz, encerra esta secção com considerações sobre a reforma

dos “Sistemas monetários e financeiros internacionais”. A sua perspetiva da ação humana, inspirada por Bernard Lonergan, reflete-se na *Nota* de novembro de 2011, do referido Conselho. Com esse duplo horizonte, de Doutrina Social da Igreja e reflexão filosófica, apresenta os princípios do bem comum e da subsidiariedade como exigência de um maior exercício de responsabilidade por parte dos governos mundiais. Dois breves estudos de caso, um negativo sobre os Megabancos muitas vezes descritos como *too big to fail* e outro, positivo, sobre a Autoridade de Serviços Financeiros de Malta, exemplificam as propostas e as exigências de uma mais rigorosa e democrática regulamentação dos poderes e dos mercados financeiros.

Os contributos da secção FILOSOFIA APLICADA trazem-nos diferentes abordagens, aspetos e definições sobre a mesma, desde a sua génese e problematidade até às dimensões de aplicabilidade.

Em “Um cuidado do pensar (...)” – Carlos Silva interroga-se, de modo simultaneamente torturado e esperançoso, sobre o que é ou deixa de ser a filosofia aplicada. Afastando um pensar que pretendesse imitar as ciências que se desdobram em puras e aplicadas, com um similar desdobramento em teoria e utensilagem, sustenta que o exercício da filosofia é sempre técnico, ou de uma *arte de filosofar*, ajustada ao momento. Uma *filosofia* aplicada, digna do sentido clássico de medicina de alma, tem de romper com os sistemas teóricos tão só abstratos, e escutar as “vicissitudes do saber, as margens da ignorância, os caminhos do improvável”, vivendo o *cuidado* e a urgência da verdadeira filosofia.

Em “A recuperação do ser pela palavra (...)”, José Barrientos Rastrojo fala da filosofia aplicada, invocando uma sua definição da mesma no *I Master de Filosofia Aplicada*, na Universidade de Sevilha, em 2006: “Processo de conceptualização e/ou clarificação (des-velamento) sobre questões relevantes (significativas e/ou essenciais) para o consultante cujo objetivo é a melhoria dos atos de pensamento da pessoa (da ação do pensar no momento em que se está a pensar) e/ou depuração dos seus conteúdos de verdade (conteúdos concretizados nas sessões) e cujo resultado costuma ser o bem-estar (a melhoria da vida da pessoa, acrescentamento da criticidade no que diz respeito às ideologias, aprofundamento na sua vida, etc.). De forma magistral, Barrientos mostra que a filosofia aplicada, como toda a filosofia, habita uma clareira, em cuja abertura se submete à “mão cruel” do pensamento para que este opere uma transformação que permita ver melhor.

Finalmente, no seu artigo “Filosofia aplicada e gestão de recursos humanos (...)”, Joana Rita Sousa, formadora experiente e certificada, e detentora da primeira tese de mestrado em Portugal nesta área, empreende

aproximações teóricas e considerações práticas sobre o que denomina “as necessidades filosóficas das pessoas, nas empresas e organizações”. Ao explorar o papel do consultor filosófico, indagando pelas necessidades filosóficas dos recursos humanos, junto das empresas e organizações, estabelece quatro grandes núcleos: questionamento ou inquirição, diálogo versus escuta ativa, perspectivas diferentes sobre a mesmidade e compreensão das convicções.

Cabe-me, finalmente, agradecer o apoio de mestre Luís Lóia, Doutor Samuel Dimas, Dr. João Simas, Ana Carvalheda e, muito em particular, do Dr. Joaquim Pinto, nos trabalhos preparatórios e realização dos Colóquios que originaram os textos aqui publicados. Agradeço ainda, o empenho nesta edição da Direção do CEFi, nomeadamente o seu diretor, Professor Doutor Carlos Morujão e da Universidade Católica Editora, pela mão da sua diretora, Dr.^a Anabela Antunes.

7 de abril de 2014

Mendo Castro Henriques